

DF - Brasília



PERFIL

# Cidades-satélites têm crescimento controlado

*População aumenta mas expansão mantém patamar adequado*

Os dados do último censo do IBGE, realizado no ano passado, apesar de ainda não terem sido concluídos, revelam que Brasília não **inchou** tanto quanto se imaginava. De acordo com as expectativas criadas em função da migração, o crescimento populacional na cidade manteve a média normal verificada em anos anteriores. A capital superou o total de um milhão e 600 mil habitantes, sendo que o aumento mais significativo concentrou-se nas cidades-satélites.

Brasília tem hoje 11 cidades-satélites, que na concepção dos demais centros urbanos, correspondem aos bairros de periferia onde mora a população de menor renda. Três quartos do total de habitantes brasileiros moram nestas cidades, que nem sequer foram previstas no projeto inicial de Lúcio Costa. Muitas delas, inclusive, são chamadas de cidades-dormitório, já que dependem muito do Plano Piloto.

A mais populosa delas é Ceilândia, com aproximadamente 500 mil habitantes. Distante 23 quilômetros do Plano Piloto, o pólo centralizador da maioria das atividades produtivas de seus habitantes, a satélite tem mais de 20 anos de criação, mas nem por isso tem menos carências que as demais. A questão da segurança é até hoje a maior de suas principais reivindicações.

Taguatinga, a mais independente de todas as cidades-satélites, é a pri-



*Projetos propõem novas mudanças*

meira na corrida da construção civil. De acordo com dados da Codeplan, até o ano passado, depois do Plano Piloto, foi a localidade que obteve uma maior quantidade de expedição de alvarás para construção. Até mesmo o pouco de atividades industrial que existe no Distrito Federal concentra-se na satélite, que já figura entre as maiores cidades do País. Mais de 350 mil pessoas compõem a população taguatinguense.

Surgida a partir de um assentamento, a cidade-satélite de Samambaia tem apenas seis anos, mas já passa pelos problemas de infra-estrutura, como por exemplo a falta de saneamento básico. A satélite ainda não conta com um hospital e o policiamento ostensivo é outra das reivindicações das mais de 200 mil pessoas que já receberam seus lotes do Governo do Distrito Federal.

Dos 800 mil habitantes da cidade-satélite — cerca de 75 por cento dos brasileiros — 190 mil aproximadamente moram no Gama, distante do

centro de Brasília 32 quilômetros. Outra das localidades que menos tem privilégios dentre as satélites.

Sobradinho e Planaltina, que ficam do lado norte do Plano Piloto, somam juntas cerca de 92 mil habitantes, muitos deles sustentados pela agricultura minifundiária. Dentro das duas cidades, no entanto, o mercado imobiliário para as camadas de menor poder aquisitivo tem-se mostrado crescente. As possibilidades de expansão com o surgimento de novas quadras são restritas, principalmente em função dos sérios problemas de abastecimento de água.

Por causa da grande evasão da classe média do Plano Piloto, explicada pelos aumentos dos aluguéis, o Núcleo Bandeirante e o Guará têm sido as primeiras opções de moradia. O Núcleo, com quase 60 mil pessoas, dispõe de poucos recursos para se manter alheio ao Plano Piloto. Com um comércio restrito, a administração da cidade tem se preocupado muito com a questão da falta de infraestrutura nos novos assentamentos do Riacho Fundo e Metropolitana, que foram incluídos na mesma jurisdição da satélite.

O Guará I e II, com uma população estimada em algo próximo a 120 mil pessoas, é a cidade-satélite dormitório mais próxima do Plano Piloto, depois do Núcleo Bandeirante, e uma das mais bem organizadas e com menos disparidades sociais. A lentidão no processo de urbanização do chamado Guarázinho (QE 38 e QE 40) é que pode ser considerada uma das poucas reivindicações da comunidade local.